

CULTURA DE VIDRO: UMA CRÍTICA À MODERNIDADE A PARTIR DA VISÃO BENJAMINIANA

Renato Silva do Vale*

RESUMO

O objetivo do presente ensaio é apresentar uma crítica à modernidade tendo como base o texto “*Experiência e pobreza*”, de Walter Benjamin. Na obra citada, o filósofo desenvolve conceitos relacionados à experiência, à cultura, à barbárie, à tecnologia, ao trabalho. Com a introdução tecnológica na modernidade do século XIX, Benjamin verifica que os indivíduos e suas formas de experiências não estão preparados para recepcioná-la. Essa modernidade deve ser entendida como um momento marcado pelo individualismo, pela solidão e pelo fetiche de inovação ou mesmo como uma época da superação, da novidade que logo envelhece e é, rapidamente, substituída por uma mais nova. Benjamin entende que a busca incessante pelo novo é algo inseparável da produção capitalista que tudo transforma em mercadoria, inclusive os seres humanos. O vidro é, pois, o material, por excelência, dessa cultura. Assim podemos afirmar sem medo: vivemos uma cultura de vidro! Não é à toa que o vidro é um material duro e liso, no qual nada se fixa. Em nossa cultura nada se fixa, a falta de responsabilidade humana e a fugacidade das relações são visíveis.

Palavras-chave: experiência, pobreza, modernidade, cultura, vidro.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present a critique of modernity based on the text "Experience and Poverty", by Walter Benjamin. In the work cited, the philosopher develops concepts related to experience, culture, barbarism, technology, work. With the introduction of modern technology in the nineteenth century, Benjamin notes that individuals and their ways of experiences are not prepared to meet her. This modernity must be understood as a period marked by individualism, loneliness and the fetish of innovation or even as a time of overcoming, the novelty that soon grows old and is quickly replaced by a newer one. Benjamin believes that the relentless pursuit of something new is inseparable from capitalist production which transforms everything into merchandise, including humans. The glass is therefore the material par excellence, of this culture. So we can say without fear: we live a culture of glass! It is no coincidence that glass is a hard and smooth material, in which nothing is fixed. In our

*Mestrando em Filosofia Social e Política no Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará – CMAF/UECE, sob a orientação da Profa. Dra. Marly Carvalho Soares. Bolsista da CAPES. E-mail: renatodovaleuece@yahoo.fr.

culture, nothing is fixed, the lack of human responsibility and the elusiveness of the relationship are visible.

Keywords: experience, poverty, modernity, culture, glass.

Walter Benjamin (1892-1940) é um dos principais comentadores dos movimentos culturais que marcam a passagem do século XIX ao XX. Em 1933 Benjamin escreve *Experiência e pobreza*, um ensaio tão breve quanto marcante e que é utilizado para tratar de questões historiográficas relativas à memória após a Segunda Guerra Mundial. Em um Ocidente¹ que ideologicamente fecha os olhos ante os problemas da humanidade, o texto não pode ser desprezado como matriz filosófica na compreensão de seu próprio tempo. Na obra citada, Benjamin desenvolve conceitos relacionados à experiência, à cultura, à barbárie, à tecnologia, ao trabalho. Ele tenta descrever a paisagem desoladora da Alemanha do século XX e a decadência da humanidade, sobretudo da população da Europa. Com a introdução tecnológica na modernidade do século XIX, Benjamin verifica que os indivíduos e suas formas de experiências não estão preparados para recepcionar esse novo cenário mundial. Conseqüentemente, ocorrem rupturas nos modos de vida, no que diz respeito ao ritmo, à sensorialidade e à nova dinâmica moral², ética e social.

¹O termo “Ocidente” é agora usado universalmente para se referir ao que se costumava chamar de Cristandade Ocidental. O Ocidente é assim a única civilização identificada por uma direção da bússola e não pelo nome de um povo, religião ou área geográfica ou particular. Essa identificação retira a civilização do seu contexto histórico, geográfico e cultural. Historicamente, a civilização ocidental é a civilização européia. Na era moderna, a civilização ocidental é a civilização euro-americana ou do Atlântico Norte. A Europa, a América do Norte e o Atlântico Norte podem ser localizados num mapa; o Ocidente não. O termo “Ocidente” também deu lugar ao conceito de “ocidentalização” e promoveu uma fusão de ocidentalização e modernização: é mais fácil pensar no Japão “ocidentalizando-se” do que “se euro-americanizando”. Entretanto, a civilização européia-americana é universalmente mencionada como civilização ocidental e esta expressão, apesar de suas sérias deficiências, podemos utilizá-la. Cf. HUNTINGTON, S. P. *O choque de civilizações e a recomposição mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, pp. 65- 66.

²Moral é a tradução latina de *tàéthika*. O conceito designa, tanto em latim como em grego, aquilo que se refere aos costumes, ao caráter, às atitudes humanas em geral e, em particular, às regras de conduta e à sua justificação. O termo evoca, pois, tanto o objeto do estudo do estudo como o estudo do objeto, a realidade objetiva dos costumes e o pensamento sobre essa realidade objetiva. Desde o início, e legitimamente, o fato moral aparece como um conjunto de regras que são seguidas ou devem ser seguidas no interior dos grupos humanos. Esse conjunto de regras, verdadeiro sistema moral das comunidades, é evidente e não constitui problema para os grupos humanos. É certo que os grupos podem encontrar dificuldades na aplicação de certas regras a determinadas situações, mas essas dificuldades não podem em

No início da obra, Benjamin destaca a importância da experiência transmitida aos mais novos pelos mais velhos, ao mesmo tempo em que critica a desvalorização da experiência, afirmando que as ações da experiência estão em baixa. Para isso ele se reporta à parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Trata de um enigma onde a chave é a transmissão da sabedoria. Menciona a Primeira Guerra Mundial, enfocando que a mesma não trouxe à humanidade nada mais que experiências negativas. Nesse sentido, Benjamin coloca uma reflexão sobre a situação política e nos convida para sermos protagonistas na mudança do panorama catastrófico no panorama mundial.

Se a política é o foco da criação benjaminiana, ela mesma não se faz sem interação, e sim convocando todo o arsenal do conhecimento em torno do homem e mais ainda, do materialismo antropológico em torno do homem concreto. Já os ensaios dos estudos metafísicos e da filosofia da história (*Theologisch-politisches Fragment*) como o “Fragmento teológico-político”, “Experiência e Pobreza” (*Erfahrung und Armut*) publicadas sob o título *Metaphysik der Jugend*, manifestam de forma vigorosa a preocupação com a política e no centro deste questionamento, a orientação para se reagir com um elemento surpreendentemente simples: a decisão política equacionada pela experiência. A experiência está na História. E de que forma se consegue resultado? Benjamin acredita que é necessário repetirem-se as tentativas, de ir tão longe quanto possível em contextos múltiplos e variados, o que não se pode alcançar sem o auxílio do conhecimento, na tradição, apesar de haver uma tradição considerada catastrófica (*Es gibe eine Überlieferung die Katastrophe ist*). Na análise empreendida na busca de fundamentos para a política ele encontra no século XVII a pré-história do século XIX, em relação à inércia do pensamento que paralisou igualmente a ação, deixando que os fatos apenas repitam o mesmo.³

Na Modernidade uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. A angustiante riqueza de idéias que se difundiu entre, ou melhor, *sobre* as pessoas, com a renovação da astrologia e a

questão o sistema de regras porque elas são resolvidas pelas instancias de autoridade no interior dos grupos: o chefe, o curandeiro, os anciãos sabem como é preciso agir nas situações em que obrigações reconhecidas são inexequíveis simultaneamente. Cf. PERINE, M. *Eric Weil e a compreensão do nosso tempo: ética, política, filosofia*. São Paulo: Loyola, 2004, pp. 16-17.

³Cf. CALLADO, M. T. C. *Walter Benjamin e a experiência da origem*. Fortaleza: EdUECE, 2006, p. 27.

ioga, da *Christian Science* e da quiromancia, o vegetarianismo e a gnose, da escolástica e do espiritualismo, é o reverso dessa miséria⁴. Todo esse movimento trouxe uma vasta riqueza de idéias e opções que visam tornar a vida humana mais agradável mediante promessas de uma vida melhor e a possibilidade da salvação. A humanidade depositou todas as suas esperanças quando enveredou por este caminho. Assim, diz o próprio Benjamin, se revela, com toda clareza, que nossa pobreza de experiências é nítida e indaga: “qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais está vinculada a nós?”

A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade.⁵

É vital, segundo Benjamin, confessar a pobreza de experiências na qual a humanidade está imersa. Se por um lado as nações estão cada vez mais ricas, por outro estão cada vez mais pobres de experiências. O texto “Sobre o Programa de uma Filosofia Vindoura” mostra que “a experiência é a variedade unitária e continuada do conhecimento (*Erfahrung ist die einheitliche und kontinuierliche Mannigfaltigkeit der Erkenntnis*).⁶ Existe uma unidade da experiência que de nenhuma forma pode ser compreendida como soma de experiências, a qual o conceito de conhecimento, como doutrina, se refere espontaneamente, em um desdobramento continuado: “o objeto e conteúdo dessa doutrina, essa totalidade concreta da experiência é a religião, que porém é dada à filosofia primeiramente apenas como doutrina. A fonte do ser (*Die Quelle des Daseins*) permanece porém na totalidade da experiência (*die Totalität der Erfahrung*) e só na doutrina a filosofia se depara com o absoluto (*auf ein Absolutes stößt*), como ser, e com isso se depara também com aquela continuidade na essência da experiência. Em um sentido metafísico puro, o conceito básico de experiência supera, em sua totalidade, as áreas específicas das ciências: um conhecimento é metafísico significa em sentido

⁴Cf. BENJAMIN, W. *Experiência e pobreza* IN: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 115.

⁵BENJAMIN W. *Experiência e pobreza* IN: *Opus Cit.*, p. 115.

⁶BENJAMIN, *Gesammelte Schriften, volume II*, 1, Frankfurt, Suhrkamp, 1977, S. 168 IN: CALLADO, M. T. C. *Opus Cit.*, p. 28.

rigoroso: ele se refere, através do conceito-base de conhecimento, à totalidade concreta da experiência, isto é, ao Ser (*Eine Erkenntnis ist metaphysischeisstimstrengen Sinne: sie bezieht sich durch den Stammbegriff der Erkenntnis auf die konkrete Totalität der Erfahrung, d. h. aber auf Dasein*).⁷ O conceito filosófico de ser deve ser legitimado no conceito religioso de doutrina, este porém, no conceito-base de teoria do conhecimento⁸, para poder atuar politicamente.

A História da humanidade é a História das civilizações. É impossível pensar-se no desenvolvimento da Humanidade em quaisquer outros termos. A narrativa se estende através de gerações de civilizações, desde as antigas civilizações sumeriana e egípcia, passando pela clássica e mesoamericana, até a ocidental e islâmica e através de sucessivas manifestações sínicas e hindus. Através da História, as civilizações proporcionam as identificações mais amplas para os povos. Como resultado, as causas, o aparecimento, o crescimento, as interações, as realizações, o declínio e a queda das civilizações foram extensamente explorados por destacados historiadores, sociólogos, e antropólogos, incluindo, dentre outros, Max Weber, Emile Durkheim, Oswald Spengler, Pitrim Sorokin, Arnold Toynbee, Alfred Weber, A. L. Kroeber, Philip Bagby, Carroll Quigley, Rushton Coulborn, Christopher Dawson, S. N. Eisenstadt, Fernand Braudel, William H. McNeill, Adda Bozeman, Immanuel Wallerstein, Fernández-Armesto.⁹

Analisando a História, Benjamin entende que a busca incessante pelo novo é algo inseparável da produção capitalista, que tudo transforma em mercadoria. A produção capitalista e a reestruturação da produção fez com que os trabalhadores não fizessem mais parte da estrutura interna das empresas, uma vez que o trabalho direto não é mais a unidade dominante no núcleo central das novas empresas organizadas de acordo com as tecnologias mais avançadas. Os trabalhadores externos, independentes e autônomos têm, agora, a tarefa de produzir o grosso do produto. Seu trabalho pessoal

⁷BENJAMIN, W. “Über das Programm der kommenden Philosophie” In *Gesammelte Gesammelte Schriften* II, 1, Frankfurt, Suhrkamp, 1991, pp. 170-171. IN: CALLADO, M. T. C. *Walter Benjamin e a experiência da origem*, p. 28.

⁸ BENJAMIN, W. “Über das Programm der kommenden Philosophie”. *Opus Cit.*, pp. 170-171. IN: CALLADO, M. T. C. *Opus Cit.*, p. 28.

⁹Cf. HUNTINGTON, S. P. *Opus Cit.*, p. 53.

torna-se a razão de seu sucesso na produção de mercadorias, da tal modo que suas vidas são literalmente invadidas pelo trabalho, que é, mais do que nunca, meio de existência.¹⁰

Na produção capitalista, o trabalhador tem a impressão de maior liberdade, pois está desligado do sistema hierárquico que articula a produção nas empresas. O fato de trabalhar em seu próprio local de trabalho lhe dá a impressão de ser um cidadão no mundo do trabalho, sem que ninguém o comande em sua atividade, sendo ele mesmo a fonte organizadora de todo o processo. O mais importante nessa nova configuração do trabalho é que o trabalhador, tendo-se tornado vendedor de trabalho objetivado e não mais de sua força de trabalho, sente-se proprietário, um verdadeiro comerciante, parceiro de seus antigos padrões.¹¹

Por meio das estruturas de sentimento de uma determinada cultura, em um dado momento histórico, estabeleceu-se uma linha de pensamento metodológico acerca da experiência, que se acredita ser útil para desvendar outras culturas e experiências com as materialidades tecnológicas. Tudo isso nos encarcera em nossas casas de vidros, nos tornando reféns de nossa própria sede de inovação. Vivemos, pois, uma cultura do vidro. Para Benjamin, viver numa casa de vidro é uma virtude revolucionária por excelência. Também isso é embriaguez, um exibicionismo moral, que nos é extremamente necessário.¹²

Não é por acaso que o vidro é um material tão duro e tão liso, no qual nada se fixa. É também um material frio e sóbrio. O vidro em geral é inimigo do mistério. É também o inimigo da propriedade. O grande romancista André Gide disse certa vez: cada coisa que possuo se torna opaca para mim. Será que homens como Scheertbart sonham com edifícios de vidros, porque professam uma nova pobreza?¹³

Segundo Benjamin, as coisas de vidro são desprovidas de aura. E o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho. Graças a essa

¹⁰Cf. OLIVEIRA, M. A. *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2008, p.222.

¹¹TEIXEIRA, F. J. S. *Políticas de industrialização e reestruturação produtiva*, Fortaleza: Mimeo, 1994 IN: OLIVEIRA, M. A. *Opus Cit.*, pp. 222-223.

¹²BENJAMIN, W. *O surrealismo. O último instantâneo da inteligência européia* IN: *Opus Cit.*, p.24.

¹³BENJAMIN, W. *Experiência e pobreza* IN: *Opus Cit.*, p. 117.

definição, é fácil identificar os fatores sociais específicos que condicionam o declínio atual da aura. Ele deriva de duas circunstâncias, estreitamente ligadas à crescente difusão e intensidade dos movimentos de massas. Fazer as coisas “ficarem mais próximas” é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através da sua reprodutibilidade.¹⁴

A humanidade não mais tem paciência para produzir algo rico em detalhes, isto é, os objetos são feitos sem nenhuma preocupação de deixar a marca dos seres humanos. Tudo converge para apagar os rastros do homem sobre a terra. Não nos enganemos: os homens não aspiram a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna. Ficamos pobres de experiências. Abandonamos uma depois da outra, todas as peças do patrimônio humano.¹⁵

É inegável a sensibilidade de Benjamin ao se referir à cultura do vidro. Estamos imersos numa cultura miserável, não somente social, mas, arquitetônica, o que é visível nos prédios que a cada dia são construídos, a obsessão por automóveis novos. Somos pobres em experiências: é a miséria interior, por excelência, que nos torna escravos dos bens materiais. Cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem, ou antes, na sua cópia, na sua reprodução. Cada dia fica mais nítida a diferença entre a reprodução, como ela nos é oferecida pelas revistas ilustradas e pelas atualidades cinematográficas, e a imagem. Nesta, a unidade e a durabilidade se associam tão intimamente como, na reprodução, a transitoriedade e a repetibilidade. Retirar o objeto do seu invólucro, destruir sua aura, é a característica de uma forma de percepção cuja capacidade de captar “o semelhante no mundo” é tão aguda, que graças à reprodução ela consegue captá-lo até no fenômeno único. Orientar a realidade em função das massas e as massas em função da realidade é um processo de imenso alcance, tanto para o pensamento como para a intuição.¹⁶

O materialismo histórico produz com toda a sua maestria a técnica, porém não dispõe da capacidade de resolver problemas de ordem ético-morais. Esse materialismo histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que é transição, mas pára no

¹⁴BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* IN: Opus Cit., p.170.

¹⁵ BENJAMIN, W. *Experiência e pobreza* IN: Opus Cit., pp. 118-119.

¹⁶BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* IN: Opus Cit., p.170.

tempo e se imobiliza. Porque esse conceito define exatamente aquele presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta a imagem “interna” do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. Ele deixa a outros a tarefa de esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz “era uma vez”. Ele fica senhor das suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o *continuum* da história.¹⁷

Em “Origem do Drama Barroco Alemão” (UrsprungdesdeutschenTrauerspiels) concluído em 1925 as questões em torno da criatura são levadas a uma dinâmica que perpassa o panorama político do século XVII e onde a dramaticidade encontra seu clímax no enigma da ambivalência da criatura, para uma compreensão da história da civilização na sua forma mais profana: “a secularização da história na cena do teatro exprime a mesma tendência metafísica (*metaphysischeTendenz*) que levou simultaneamente, a ciência exata a descobrir o calculo infinitesimal.”¹⁸ Também dentro da concepção de História Universal, “nesse período pitoresco, a concepção da história é determinada pela justaposição de todos os objetos memoráveis (*ZusammenlegungallesGedächtniswürdigen*).¹⁹ Estamos pobres em experiências, pois já não nos preocupamos em passar adiante tudo aquilo que nos torna humanos que, certamente, não estão ligados a títulos, bens materiais.

Se entrarmos num quarto burguês dos anos oitenta, apesar de todo o “aconchego” que ele irradia, talvez a impressão mais forte que ele produz se exprima na frase: “Não tens nada a fazer aqui”. Não temos nada a fazer ali porque não há nesse espaço um único ponto em que seu habitante não tivesse deixado seus vestígios. Esses vestígios são os bibelôs sobre as prateleiras, as franjas ao pé das poltronas, as cortinas transparentes atrás das janelas, o guarda-fogo diante da lareira. Uma bela frase de Brecht pode ajudar-nos a compreender o que está em jogo: “Apaguem os rastros!”, diz o estribilho do primeiro poema da *Cartilha para os cidadãos*.²⁰

Diante das materialidades contemporâneas, novas experiências relacionadas à temporalidade, ao social são identificadas. A técnica tem avançado de uma maneira

¹⁷BENJAMIN, W. *Sobre o conceito de história*. IN: Opus Cit., p. 230.

¹⁸BENJAMIN, W. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984. IN: CALLADO, M. T. C. Opus Cit., p. 29.

¹⁹CALLADO, M. T. C. Opus Cit., p. 29.

²⁰BENJAMIN, W. *Experiência e pobreza* IN: Opus Cit., pp. 117-118.

assustadora, mas toda essa mesma técnica recusa qualquer semelhança com o humano, princípio fundamental do humanismo. O conceito de humanismo citado por Benjamin serve para exemplificar o fracasso do singular no conceito. Humanismo é um ser sem unidade. Mas temos necessidade de inventar “um conceito auxiliar abstrato (*einenastraktenHifsbegriff*), diz Benjamin para podermos lidar com uma serie infinita de fenômenos intelectuais e de personalidades totalmente distintas entre si. Só podemos fazê-lo, segundo as leis do conhecimento e da percepção humana, e em consequência da nossa necessidade inata de sistematização (*ausdem uns angeborenensystematischenBedürfnis*), se selecionarmos certas propriedades que nessa serie heterogênea nos parecem semelhantes ou coincidentes, e se acentuarmos essas semelhanças mais que as diferenças.²¹

A Modernidade, bem como a técnica devem ser entendidas como momentos marcados pelo individualismo, pela solidão e pela sede da inovação. Essa técnica é absorvida pelo homem como parte fundamental para a sua existência, razão pela qual sua vida ganha sentido. Sem a existência da tecnologia, a vida do ser humano não teria razão de ser, numa palavra, perderia todo o sentido. No mundo da tecnologia moderna vive-se como se a vida fosse infinita. A invenção tecnológica está na ordem do dia. Ela lança seu pó mágico sobre o mundo, embotando a percepção e confundindo o limite das coisas. O seu protótipo é o boneco Micky Maus – o fazedor de milagres, comenta Benjamin expondo uma possível assimilação entre o ser humano e a tecnologia, numa relação de total dependência.²²

A existência do camundongo Mickey é um desses sonhos do homem contemporâneo. É uma existência cheia de milagres, que não somente superam os milagres técnicos como zombam deles. Pois o mais extraordinário neles é que todos, sem qualquer improvisadamente, saem do corpo do camundongo Mickey, dos seus aliados e perseguidores, dos móveis mais cotidianos, das árvores, nuvens e lagos.²³

É uma época da superação, da novidade que envelhece e é logo substituída pelo “novo”. Benjamin vê uma analogia entre a realidade indisfarçável do “novo” no

²¹BENJAMIN, W. *Origem do drama barroco alemão*, p. 115. IN: CALLADO, M. T. C. Opus Cit.,p. 33.

²²CALLADO, M. T. C. Opus Cit., p. 165.

²³ BENJAMIN, W. *Experiência e pobreza*. IN: Opus Cit., p.118.

progresso – que no fundo é o sempre-igual que retorna (*die ewige Wiederkehr*) – com a rigidez cadavérica, através da qual, o drama barroco alemão narra os vícios do poder, na corte. Esse vício é o resultado da história como catástrofe, é a consequência da ambição do homem, que não encontra outra saída a não ser a confluência à própria destruição na idéia de um destino implacável.²⁴

As ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo. Basta olharmos um jornal para percebermos que seu nível está mais baixo que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior mas também a do mundo ético sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, numa enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca.²⁵

Constantemente tenho a impressão de que há uma inversão de valores nos dias atuais, isto é, valorizamos as coisas e usamos as pessoas; numa linguagem kantiana, o sujeito é reduzido a objeto e o objeto elevado à categoria de sujeito. É, de fato, uma cultura de vidro que estamos vivenciando. Deve-se apenas esperar que a nova cultura de vidro não encontre muitos adversários. A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Essa experiência produz a sabedoria que, por sua vez, produz a competência. O saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou de longe temporal contido na tradição -, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência.²⁶

Para o progresso os objetos são representações que fazem o papel do conteúdo, são simulacros da imagem da verdadeira felicidade. Os objetos substituem o homem. Quando o homem da Modernidade perde a capacidade de agir, recebe o século XVII como a pré-história da alienação do pensamento. Se ele é capaz da ação política estará

²⁴ CALLADO, M. T. C. Opus Cit., pp. 92-93.

²⁵ Cf. BENJAMIN, W. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* IN: Opus Cit., p.198.

²⁶ Cf. BENJAMIN, W. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* IN: Opus Cit., pp 202-203.

permitindo que o tempo fechado do barroco seja salvo pela convicção da liberdade do pensamento, que falta nas configurações daquela arte.²⁷ Essa analogia é estimulada por El Greco, na pintura de seus personagens. A pequenez de suas cabeças mostra que eles “não são movidos por idéias, mas por impulsos físicos vacilantes”. A falta de reflexão deixa as personagens parecerem apenas figurações, sem lugar próprio na cena.²⁸

A metodologia mimética da cultura que Benjamin escolheu para a compreensão da contemporaneidade utiliza-se do mesmo artifício da ideologia para dominação da cultura no seu reverso: a imagem dialética compreende o universo sem centro da Modernidade, onde o processo de desdivinização – resultado de uma leitura caótica sobre o que se supunha racional – alienou os valores, condenando-os à dispersão do mundo secularizado, da qual a expressão do barroco é um traço ímpar.²⁹

A magia natural do cosmo com o qual o homem se identifica na contemplação foi rapazmente subtraída ao homem e substituída pelo poder mágico da técnica – o milagre moderno. Mas a avaliação da utilização da tecnologia para fins de destruição, sob a bandeira da neutralização da ciência, exige a cartografia da cultura e nela o diagnóstico da realidade burguesa no epicentro de seu estágio industrial avançado: o complexo capitalista burguês³⁰.

Na medida em que a Modernidade impõe uma nova forma de pensar e contradiz a tradição, destruindo a experiência, o novo que é sempre-igual, condiz com o antigo, na mera vivência, na lembrança (*Andenken*) que é nostalgia de um passado que não será mais reconhecido no presente. Só o verdadeiramente novo, que é libertador, se contrapõe ao mesmo, (*das Immergleiche*). O sempre-igual, encontrado no progresso (*Fortschritt*) enquanto pulsão para reproduzir o arcaico, dá, à primeira vista, a impressão de mudança, na verdade ele perpetua a opressão. Esse mundo “novo” de idéias fixas herdado pelo sistema da Modernidade tem na rigidez o seu traço mais marcante.

²⁷Cf. CALLADO. M. T. C. Opus Cit., p. 93.

²⁸BENJAMIN, W. *Origem do drama barroco alemão*, p. 94. IN: CALLADO, M. T. C. Opus Cit., p. 93.

²⁹CALLADO. M. T. C. Opus Cit., p. 91.

³⁰CALLADO. M. T. C. Opus Cit., p. 165.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. *A modernidade e os modernos*. Tradução de Heindrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- _____. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. IN: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *A obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica, Sobre alguns Temas em Baudelaire, o Narrador, o Surrealismo*. IN: *Os Pensadores*: São Paulo: Victor Civita, 1983.
- _____. *Experiência e pobreza*. IN: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Obras Escolhidas II – Rua de Mão Única, Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *O Conceito de Arte no Romantismo Alemão*. Tradução de Márcio Seligmann Silva. São Paulo: Iluminuras/Edusp, 1993.
- _____. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. IN: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Sobre o conceito de história*. IN: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CALLADO, T. C. *Walter Benjamin e a experiência da origem*. Fortaleza: EdUECE, 2006.
- HUNTINGTON, S. P. *O choque de civilizações e a recomposição mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- OLIVEIRA, M. A. *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- PERINE, M. *Eric Weil e a compreensão do nosso tempo: ética, política, filosofia*. São Paulo: Loyola, 2004.
- TEIXEIRA, F. J. S. *Políticas de industrialização e reestruturação produtiva*, Fortaleza: Mimeo, 1994.